

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
11 de Abril de 2025

HANYUT / 2012-2016
(“À Deriva”)

Um filme de U-Wei Haji Saari

Realização: U-Wei Haji Saari/ Argumento: U-Wei Haji Saari, com a colaboração de Zachary Sklar, baseado em *Almayer's Folly* de Joseph Conrad/ Direcção de Fotografia: Arkadiusz Tomiak / Direcção Artística: Sam Hobbs e Tommy Mansour / Música: Cezary Skubiszewski / Montagem: Kate James / Som: Les Fiddess / Interpretação: Peter O'Brien (Almayer), Sofia Jane (Mem), Diana Danielle (Nina), Khalid Saleh (Orang Kaya Tinggi), Adi Putra (Dain Maroola), Alex Komang (Abdullah), El Manik (Raja Ibrahim), Bront Polarae (Sayed Rashid), James Corley (tenente), etc.

Produção: Tanah Licin / Produtora: Julia Fraser / Cópia: digital, colorida, falada em malaio e inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 116 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Eis um objecto ao mesmo tempo muito ambicioso e muito obscuro: **Hanyut**, adaptação da *Loucura de Almayer* que não deixou muito rasto internacional (ou evitando o eufemismo, que não deixou rasto nenhum: na biblioteca desta instituição, que possui colecções completas e actualizadas de um sem-número de publicações internacionais especializadas, não se encontra em nenhuma delas um único artigo sobre o filme, por breve que seja), e que tem a fama de ser o filme malaio mais caro de sempre – custou 18 milhões de *ringgits*, que se convertem em qualquer coisa como um pouco menos de 4 milhões de euros. Consta também que nunca os recuperou, repudiado pelo público e pela crítica do seu país, e incapaz de atrair a atenção de programadores de festivais ou distribuidores internacionais. U-Wei Haji Saari, cineasta que tinha no currículo a importância histórica de ter sido o primeiro realizador do seu país a ser seleccionado para Cannes (com “*O Incendiário*”, um filme de 1995 que depois teve alguma circulação na Europa, encontrando-se registo de um prémio ganho no Festival de Bruxelas), encontra-se inactivo desde este “flop”, segundo todas as informações disponíveis.

Estas informações, encontramos-las no substituto que a internet oferece à ausência de artigos em publicações especializadas institucionais: com um pouco de pesquisa, facilmente encontramos artigos (em inglês) de críticos ou cinéfilos malaios (praticamente os únicos que tiveram ocasião de falar do filme). E por esses artigos depreende-se que **Hanyut** foi mesmo um grande “assunto” na Malásia, ainda durante a produção, dadas a ambição e o dinheiro envolvidos. O “assunto” tornou-se “de estado”, inclusive, quando Saari, esgotado o orçamento que tinha conseguido reunir, precisou de um apoio extra para terminar a montagem (problemas que aparentemente justificam o intervalo de quatro anos entre a rodagem, 2012, e a estreia efectiva, 2016), e o conseguiu (2 milhões de *ringgits*) junto do estado malaio, impulsionando a conversa, que conhecemos bastante na Europa e não fazíamos ideia que também era uma preocupação na Malásia (assim como não sabemos nada sobre como são e se processam, ou sequer se existem, os programas de apoio oficiais à produção de cinema

malaia), sobre a relação entre o cinema e o “dinheiro dos contribuintes”. Mas, aprende-se ainda, a cereja que Saari colocou no topo do bolo da má vontade dos seus compatriotas foi (e estamos também sempre a aprender sobre rivalidades regionais) o facto de ter feito na Indonésia (o único país estrangeiro em que **Hanyut** foi estreado) a estreia comercial absoluta do filme. Pela importância que os textos malaaios dão a isto, ter-se-á tratado de uma espécie de insulto supremo.

Menos anedoticamente (se considerar que estas informações são mero anedotário, “pequena história”), esses textos dão uma perspectiva interessante sobre uma das curiosidades maiores levantadas a priori por uma adaptação malaia do romance de Conrad: a questão do cruzamento dos olhares que aqui se reflectem. Obra literária escrita do ponto de vista do “colonizador”, obra fílmica nascida do ponto de vista do “(ex)- colonizado”, portanto, de alguma forma, uma inversão das características do olhar original, ou seu adensar labiríntico (a perspectiva do “colonizado” sobre o “colonizador” a olhar para o “colonizado”). Não quer dizer que o filme seja particularmente rico em termos de olhar *tout court* (quer dizer, olhar cinematográfico, na mais imediatamente mas também na mais funda acepção da expressão) para permitir que particularizem as características específicas desse olhar sobre uns e sobre outros, mas esses textos – e já que falamos de reflexos – são um espelho curioso de algumas observações de críticos europeus ou “ocidentais” perante filmes que representam, a partir dessa perspectiva “ocidental”, o passado colonial europeu, e onde é frequente o remoque à estereotipação da caracterização dos povos colonizados: para os críticos malaaios, o remoque faz-se à estereotipação da representação do “colonizador”. Não é inesperado, mas de facto faz pensar na importância que, na recepção dos filmes, têm as posições relativas dos observadores.

Também poderíamos dizer – ainda as posições “relativas” – que surpreende bastante o olhar neutro sobre a natureza, que nos parece sempre ser um condimento letal, puxado a um romantismo sobrenaturalmente doentio, das narrativas de Conrad. Mas, de facto, essa é a natureza sul-asiática vista pelos europeus que somos, e claramente, pelo tratamento natural e naturalista da natureza (não é pleonasma), que nunca adquire o poder de exprimir alguma coisa de indizível, a um olhar de lá a natureza é uma coisa banal, sem nada de extraordinário (mas enfim, aqui arriscamos a generalização errónea, devíamos dizer “ao olhar de Saari”, porque ali não muito longe, na Tailândia, há um cineasta poderosíssimo no tratamento da natureza, fazendo confluír geografia e mitologia: chama-se Apichatpong Weerasethakul). Mas com este parêntesis batemos na raiz do problema de Hanyut, filme que nunca ultrapassa o estatuto de curiosidade: é um cinema *padronizado*, um olhar sem particularidades, que é malaio mas podia ser, bem vistas as coisas, de qualquer outro sítio do mundo, que tem uma ideia de grandiosidade de produção que está muito próxima da exploração de um folclorismo (o que também é, digamos, uma tendência “padronizada” internacionalmente), que está tão “de fora” e olha tão “de fora” para esta história e para estas personagens (sobretudo aquele trio, Almayer, Mem, Nina, onde de resto as actrizes que compõem as personagens femininas não parecem nada más, mas o actor australiano que faz de Almayer é o proverbial “canastrão”) como alguém que tivesse acabado de chegar e que se mantivesse “estrangeiro”. Mas este cinema que é sempre “estrangeiro”, independentemente de onde for feito, é hoje absolutamente comum. Hanyut não se distingue dele, faz parte desse “esperanto”.

Luís Miguel Oliveira